

Aprendizagens forjadas entre o cárcere e a rua

Patrícia Lima Freireⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

José Gerardo Vasconcelosⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Camila Saraiva de Matosⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Josivan Alves Ribeiro^{iv} 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

1

Resumo

O escopo deste trabalho é compreender as práticas educativas informais e as estratégias de sobrevivência de uma mulher que sobrevive entre a rua e o cárcere, na cidade de Fortaleza, Ceará. Logo, enfatizamos as vivências da colaboradora intitulada pelo pseudônimo de Valentina. Tomamos como referência as histórias da entrevistada que construiu e adquiriu saberes para proteger-se dos inimigos que se multiplicam entre os colegas de rua. A pesquisa aborda o enfoque da educação informal tendo como fundamentação teórica, as ideias dispostas em: Libâneo (1998) e Brandão (2007). No que cerne a metodologia, esse estudo é de cunho etnográfico e utiliza técnicas de observação direta, entrevistas abertas e narrativas colhidas por meio da história oral. Entre os resultados desse estudo destacamos: apresentar a rua e o cárcere como espaço singular, que produz valores, saberes, moralidades, potencialidades e indivíduos capazes de desenvolver práticas e ações educativas.

Palavras-chave: Estratégias de sobrevivência. Etnografia. História oral. Rua.

Learnings forged between the jail and the street

Abstract

The scope of this work is to understand the informal educational practices and the goals of a woman who survives between the street and the prison, in the Fortaleza city, in Ceará. Therefore, we emphasize the experiences of the collaborator entitled by the pseudonym of Valentina. We take as a reference the stories of the interviewee who built and acquired knowledge to protect herself from enemies that multiply among her street colleagues. Research approaches the focus of informal education as theoretical foundation, the ideas disposed in: Libâneo (1998) and Brandão (2007). Regarding the methodology, this study is of an ethnographic nature and technical use of direct, open observation and narratives collected through oral history. Among the results of the study we highlight: to present the street and the prison as a singular space, which produces values, knowledge, moralities, potentialities and capable of developing educational practices and actions.

Keywords: Survival strategies. Ethnography. Oral history. Street.

1 Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa realizada com a população em situação de rua e por conseguinte originou o trabalho de conclusão de curso (TCC) em Pedagogia, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Desse modo, o texto toma como base, vivências profissionais da primeira autora e, por esta razão, será feito o uso da primeira pessoa no singular para narrar as experiências da professora-pesquisadora.

Durante um ano e meio, de 2015 até de 2016, trabalhei como educadora social no Centro de Convivência para Pessoas em Situação de Rua e Pousada Social Cirlândio Rodrigues de Oliveira (CC), localizado na Rua Sólon Pinheiro, no bairro José Bonifácio, Fortaleza-CE.

No ritmo de trabalhadora/estudante, após o meu expediente de trabalho, seguia para as aulas na faculdade de educação, onde, quase sempre, encontrava-me com meu orientador sentado às mesas da cantina, tomando café e passávamos a conversar sobre as experiências com a população em situação de rua. Em nossas conversas, uma figura em específico ganhava ênfase, Valentina.

Valentina, uma mulher de 26 anos, usuária¹ do Centro de Convivência logo, era uma das pessoas que fazia parte do meu cotidiano e despertava, múltiplas inquietações, por existir uma dualidade de comportamentos que me intrigava, aquela mulher que cometia diversas delinquências era a mesma que minutos depois agia de forma respeitosa e afetuosa para com a minha pessoa. Diante de tais fatos, o meu orientador sugeriu-me começar a escrever um diário de campo, então passei a registrar algumas experiências da rotina do meu trabalho no CC.

Em março de 2017, ao cursar a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, (TCC I) foi solicitado a elaboração de um projeto de pesquisa, assim sendo, revisito o meu diário de campo na época em que trabalhei no CC a fim de buscar inspiração

¹Compreende-se usuário, a pessoa física ou jurídica que se beneficia ou utiliza, efetiva ou potencialmente, de serviço público, conforme lei nº 13.460, de 27 de junho de 2017.

para construir a minha temática de pesquisa e logo, deparo-me com as peripécias de Valentina.

Diante de tal epifania, decidi começar o diálogo com a colaboradora e registrar a pesquisa, eu já não contava mais como parte da equipe do CC e, distante, a notícia que tinha era a de que ela ainda estava presa no Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa. Já desanimada e quase desistindo de prosseguir com a pesquisa, sou informada por um amigo funcionário do CC que Valentina estava em liberdade com seu bebê, morando em alguma praça da cidade de Fortaleza. Começava ali minha busca para encontrá-la. Andei por todas as praças do Centro perguntando, pedindo informações, mas nada consegui.

Até que, em uma quarta-feira corriqueira, traçando o meu caminho habitual para a faculdade, deparo-me com Valentina em um restaurante. O encontro ocorreu em 24 de maio de 2017. Ao me dirigir até a interlocutora, sou recepcionada com um sorriso e um abraço. Em um diálogo breve de 20 minutos, ela informa que está vivendo na Praça da Gentilândia² com seu filho, seu companheiro e demais moradores de rua.

Para mais, pontuo que os nomes dos personagens utilizados neste trabalho são todos fictícios no intuito de preservar a identidade dos indivíduos. A escolha do nome “Valentina” surgiu da necessidade de fortalecer sua imagem de mulher valente e destemida. O nome Jonas para o filho da entrevistada visa legitimar a escolha dela quando utilizou um nome bíblico, fato esse sempre por ela ressaltado. Na tentativa de não contrariar Valentina, recordo-me da história do profeta Jonas, que foi engolido por uma baleia e tempos depois foi vomitado na costa. Metaforicamente, a baleia seriam as ruas e, na esperança de ver Jonas fora delas, espero que em breve ele seja vomitado em um novo contexto social. Os demais nomes foram escolhas aleatórias (FREIRE, 2018).

Além do mais, este trabalho contraria os modelos das décadas anteriores quando se destacavam as dimensões socioeconômicas e sociológicas da população em situação de rua. De acordo com Frangella (2016), nos últimos anos,

² A praça da Gentilândia fica localizada no bairro Benfica próximo à Faculdade de Educação – FACED/UFC.

pesquisadores/as tais como Freire (2019), dedicaram-se a olhar as vivências de rua e seus sujeitos, quase sempre esquecidos na sua singularidade social.

No que tange aos aspectos metodológicos, esse trabalho é de cunho etnográfico. O aparato etnográfico visa a colaborar para a percepção e compreensão das práticas culturais e educativas imbricadas na temática pesquisada tendo em vista, que a etnografia possibilita a investigação das variações culturais tanto em contextos específicos como em contextos amplos. Porém, sem esquecer que apontamentos etnográficos são filtrados e incorporados aos registros mnemônicos.

Contudo, temos certeza de que a filtragem do material coletado inscreve a pesquisa em águas que se renovam na própria vida cotidiana. Malinowski (1984, p. 19) esclarece que: “Frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal”.

O método etnográfico supõe a prática da observação e descrição densa propondo ao pesquisador uma imersão no cotidiano de determinada cultura para que possa compreender o contexto sociocultural do seu objeto de pesquisa. Conforme Alves (2012, p.67):

[...] A etnografia se refere à situação em que o pesquisador fica tão próximo do objeto, quanto um membro do grupo que ele estuda, à medida que este participa das atividades rotineiras daquele. Uma maneira de criar essa proximidade é estabelecer laços de amizade com o grupo estudado.

Observar, ouvir e registrar perpassa o método etnográfico, além de analisar o ambiente pesquisado e fazer anotações no livro de registro. Mas, de suma importância, é ouvir os indivíduos que circundam o lócus de pesquisa. Desta forma, a oralidade corresponde ao alicerce de elaboração deste estudo e o processo discursivo assume papel relevante no desenvolvimento de toda pesquisa. Decorre daí a necessidade de trabalhar com a narrativa disposta pela interlocutora.

Aqui, as narrativas com a memória, são tratadas por intermédio de entrevistas. Cedro (2011, p. 129) ressalta: “a tradição qualitativa se orienta na construção de dados

sobre percepções, ações, crenças e valores que podem ser interpretados pelos pesquisadores a partir da utilização de diferentes abordagens”. Nesse sentido, partimos da interpelação que as entrevistas propõem uma ação metodológica usando como base o modelo qualitativo de pesquisa.

No caso em questão, foram realizadas entrevistas na praça da Gentilândia. Ressaltamos que as narrativas foram coletadas mediante acordo prévio, visando atender data, horário e local convenientes. A gama de entrevistas apresentadas no referido trabalho foram gentilmente cedidas por Valentina.

Para realizar as entrevistas foi utilizado um gravador digital, responsável por armazenar os dados coletados, posteriormente analisados a partir das transcrições das entrevistas, que podem ser semiestruturadas ou abertas. No caso em questão, optei pela entrevista aberta.

A história oral oportuniza a análise dos ditos excluídos, marginalizados, das minorias, ressaltando a importância de memórias subterrâneas que integram as culturas minoritárias e dominantes, contrapondo à memória oficial, à memória nacional. Assim, visa reabilitar a periferia e a marginalidade. O que prevalece é o enfoque dos excluídos, do não-dito, o que está nas entrelinhas. A memória marginal prevalece distante das vias oficiais, buscando o ensejo da escuta para que, dessa forma, aflore ao espaço público (POLLAK, 1988).

Logo, as produções discursivas disposta por Valentina permitiram compreender de forma mais elaborada, os processos que englobam a vida de uma mulher que vive em situação de rua a mais de dez anos, passou pelo cárcere bem como, as lutas e resistências que ela enfrenta para criar o seu filho.

Ao contrário do que se pode imaginar, as ruas ocultam em seus subterrâneos potencialidades, valores, famílias, trabalhos, saberes e educadores infames. No entanto, apresentarei as ruas para aqueles que pouco as conhecem, mostrando que nelas, não há apenas corpos humanos dormindo em calçadas, perambulando entre a delinquência e a privação, também não pretendo esconder a realidade da marginalidade urbana, na qual um dia se é a carne, no outro a própria navalha.

2. População em situação de rua da cidade de Fortaleza-CE e o espaço social

Em Fortaleza - CE, de acordo com pesquisa realizada no ano de 2015 pelo Centro de Treinamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Fortaleza (CETREDE), com a coordenação da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SDHDS) e em parceria com o Fórum da Rua, existem aproximadamente 1.718 pessoas morando nas ruas do Centro de Fortaleza e na Beira Mar. Embora seja expressivo, esse contingente não deve ser tomado como o total de pessoas vivendo atualmente em situação de rua na cidade. Os levantamentos em questão foram realizados há quatro anos, no entanto deve-se atentar, ao fato do aumento da população em situação de rua, visivelmente agravados por diferentes fatores como a guerra entre facções, questões políticas e socioeconômicas que levaram ao corte dos benefícios sociais (FREIRE, 2018). Em matéria veiculada pelo jornal *O Povo*, intitulada “*Moradores de Rua: Problema se agrava na cidade*”³, destacou-se a visibilidade do crescente contingente de pessoas em situação de rua, que está morando somente na Praça do Ferreira.

Dados mais recentes de 2017 comprovaram que há cerca de 247 pessoas morando. A cada mês, o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) recebe cerca de 50 novos cadastros de atendimento (FREIRE, 2018).

No entanto, são poucas ou quase nulas, as políticas públicas que se apresentam como propostas para a solução definitiva da situação relatada, uma vez que os abrigos temporários, a exemplo dos Centros de Convivência ou Pousadas Sociais são insuficientes para atender toda a população existente. Conforme Monteiro (2011, p. 18), “os moradores de rua das grandes e médias cidades brasileiras configuram-se como parte integrante da paisagem, construindo suas territorialidades em áreas mais urbanizadas e dinâmicas da cidade de Fortaleza” (FREIRE, 2018).

Desse modo, observo essa população caracterizada por pessoas que se utilizam dos logradouros públicos e edificações abandonadas nos grandes centros

³ Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2018/04/moradores-de-rua-problema-se-agrava-na-cidade.html>

urbanos, levando em conta alguns fatores significantes para a própria sobrevivência. A este respeito, Duneier (apud VIEGAS, 2013, p.4) estudou os “habitats sustentáveis” dos sem-abrigo, ressaltando características como: tráfego intenso de pedestres, para mendigar; comer barato ou gratuito; uma comunidade afável e disposta a fazer doações; espaços públicos seguros para dormir; limpeza frequente das ruas; serviços nas proximidades (abrigo, distribuição de alimentos) e locais que podem ser usados para a privacidade.

7

A condição de pobreza extrema é sempre passível de se transfigurar em marginalização no interior de um imaginário social, se pudermos observar profundamente essas definições de modo crítico, diante da sociedade, podemos dizer que essa população é o reflexo de um sistema econômico que marginaliza e subjuga indivíduos de modo a tornar cada vez mais difícil as perspectivas de ascensão social de quem sobrevive na rua (VIEIRA; ROSA, 1992).

Portanto, de forma mais abrangente, considero como definição as palavras de Costa (2005, p. 3) que denomina população em situação de rua como sendo:

Grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas que têm em comum a condição de pobreza absoluta e a falta de pertencimento à sociedade formal, são homens, mulheres, jovens, famílias inteiras, grupos, que têm em sua trajetória a referência de ter realizado alguma atividade laboral, que foi importante na constituição de suas identidades sociais. Com o tempo, algum infortúnio atingiu suas vidas, seja a perda do emprego, seja o rompimento de algum laço afetivo, fazendo com que aos poucos fossem perdendo a perspectiva de projeto de vida, passando a utilizar o espaço da rua como sobrevivência e moradia.

O espaço da rua e os logradouros públicos não foram construídos para alojar pessoas, os indivíduos necessitam enfrentar os desafios e as dificuldades objetivas de sobrevivência, nesse contexto da população em situação de rua da Cidade de Fortaleza-CE que, indiscutivelmente, encontram-se numa situação-limite de pobreza. As estratégias de sobrevivências surgem com a necessidade de elaborar de forma precária os ambientes como dormitórios, cozinha e algumas vezes até banheiros, improvisados com tapumes, para que possam minimamente garantir a sua sobrevivência.

Muitos espaços singularizam a sociedade brasileira. Para descobrir as singularidades do espaço da rua, é necessário despir-se dos preconceitos e discriminação, propiciando uma aproximação dos indivíduos. Conforme salienta DaMatta (1991, p.33): “do mesmo modo, para que se possa “ver” e “sentir” o espaço da rua, torna-se necessário situar-se”.

O espaço social constrói e é construído simultaneamente pela sociedade dos homens, o contexto social demarca a rua como o espaço de moradia para indivíduos da ralé, denominados pejorativamente como “Zé povinho sem eira nem beira”, moleques de rua, malandros, meliantes, pilantras e marginais, afinal de contas para o corpo social, eles já se adaptaram em habitar lugares perigosos, e estão acostumados a conviver com a escória (DAMATTA, 1991).

O espaço social das pessoas em situação de rua, é visivelmente demarcado pelos colchões velhos espalhados nas calçadas, barracos e malocas, bem como pela discriminação e preconceito constituído no processo de exclusão social, uma vez que esta desqualifica o sujeito de direito, resultando em um aumento de atividades ilegais à medida que buscam garantir a sobrevivência diária.

2.1. Quem é, e como sobrevive a valente Valentina?

Valentina, “bicho solto”⁴ no meio das ruas do Centro de Fortaleza, é só mais uma destemida sobrevivente agindo com frieza no submundo da extrema pobreza. Enquanto seus inimigos se multiplicam entre os colegas de rua, as vítimas de assalto, a polícia e o Estado, ela constrói estratégias para garantir a própria subsistência e da sua família (FREIRE; VASCONCELOS, 2019).

Uma jovem de 26 anos, com aparência bem mais velha, sua jovialidade esconde-se por trás de um rosto marcado pelas mazelas do uso abusivo de entorpecentes e das noites mal dormidas ao relento, em cima dos pedaços de caixas de papelão encontradas nos lixos das calçadas depois do expediente comercial, corpo mirrado com marcas da violência física, gerada pelo companheiro e com profundas

⁴ Bicho solto: quem não respeita as leis.

cicatrizes de quando tentaram lhe assassinar a golpes de punhal ainda na adolescência (FREIRE; VASCONCELOS, 2019).

O olhar forte e destemido, forjado durante suas passagens pelo cárcere, esconde uma mulher sensível e uma mãe afetuosa. Valentina carrega sempre em seus braços, seu filho, o pequeno Jonas, que foi gestado e veio a nascer durante sua última passagem pelo presídio feminino. Na cintura, sua “*highlander*”⁵ indispensável para garantir-lhes segurança e seu posto de liderança. No entanto, é imprescindível que o sujeito se torne invisível para evitar ser o próximo condenado, é cruel, mas, nas palavras de Valentina, “a rua me ensinou muita coisa, a me defender, a me proteger. Já vi muitas mortes, vi muita gente morrer aos meus pés, pedir socorro, uma ajuda pelo amor de Deus e eu sem poder fazer nada.” (FREIRE; VASCONCELOS, 2019).

A transição de Valentina entre as ruas e o cárcere lhe rendeu múltiplos saberes relevantes na arte de viver, o saber-fazer, o poder-saber, as atitudes nos processos de escolha e decisão, o uso do poder na solução dos casos de justiça popular, dentre tantas outras formas que dinamizam as trajetórias coletivas e individuais, levaram-me a percebê-la como educadora infame. Considero o termo educadora infame, partindo da conceituação de Lobo (2008), sobre as “existências infames”. Segundo a autora, existências infames são sujeitos invisíveis, sem nenhum feito de glória, sem nenhuma fama. Ninguém registra seus feitos por não os considerar importantes dentro dos processos educativos, tratando-se das modestas existências, tão fragilizadas que passam pela vida sem deixar rastros. Por essa razão, elegi Valentina como educadora infame, devido às suas estratégias educativas que nunca ganharam relevo social.

2.2 A rua e as suas práticas educativas

No leque do que são as políticas sociais, a educação ocupa um local preponderante. Os investimentos públicos para a educação se referem especialmente

⁵*Highlander*: faca de dois gumes ou faca grande.

a educação formal oferecida integralmente nos espaços concretos, enquanto a educação informal é relegada ao segundo plano.

Considera-se como educação informal, todas as práticas desenvolvidas em espaços não escolares, seguindo essa perspectiva teórica, Brandão (2007 p. 7) salienta que:

10

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.

Todos os dias estamos envolvidos em processos educativos, nos mais diversos espaços, sejam eles institucionalizados ou não. A rua oferece múltiplas oportunidades educativas, constituídas nos códigos morais e éticos que medeiam as relações dos indivíduos, nas organizações de espaço e no repasse constante de conhecimentos, elaborando as estratégias de sobrevivência, bem como as práticas educativas informais específicas para os indivíduos que habitam nas ruas.

Portanto, as práticas educativas informais e as estratégias de sobrevivência desenvolvidas por Valentina, durante sua trajetória entre o cárcere e a rua, tornaram-na uma educadora infame. Suas práticas e estratégias nunca ganharam relevo social, no entanto são tão relevantes quanto às práticas educacionais desenvolvidas por uma professora dentro do espaço escolar, buscando compreender os processos educativos desenvolvidos pela população em situação de rua, recorro ao aporte teórico disposto em Libâneo (1998, p.73):

A educação tem, de fato, uma função adaptadora. Há vínculos reais entre o ser humano que se educa e o meio natural e social, há um certo grau de adaptação às exigências desse meio. A educação é, também uma prática ligada à produção e reprodução da vida social, condição para que os indivíduos se formem para a continuidade da vida social.

Partindo das assertivas apresentadas pelo autor, pontuo a função adaptadora da educação dentro do processo educativo na cultura de rua, quando os indivíduos necessitam adaptar-se às exigências desse meio para garantir sua sobrevivência dentro dos grupos.

Era apenas mais uma visita de campo. Ao chegar à Praça da Gentilândia, encontramos várias mães com seus filhos no parquinho, uma delas era Valentina, estava sentada no balanço embalando seu filho no colo, enquanto as outras mães observavam as crianças brincando. Por um segundo indaguei-me: “ela era só mais uma mãe a levar seu filho pro parquinho da praça no fim de tarde, ou apenas estava no quintal da sua casa?” Ela estava tão distraída balançando o pequeno Jonas que nem me viu chegar.

Sempre atento, Jonas me reconheceu de longe e fui acolhida com seu sorriso doce de bebê. Quando nos aproximamos, pedimos autorização para fotografar aquele momento, ela autorizou, ambos sorriram pra foto. Talvez esse tenha sido o registro mais marcante da infância de Jonas, mas não fui autorizada a publicar, ela tem receio que sua imagem lhe traga problemas, de repente alguma vítima lhe reconheça e a entregue para a polícia. Regressar para a cadeia agora não significa apenas ser privada da liberdade, mas perder a guarda de seu filho.

Após o registro fotográfico, nos abraçamos, peguei o pequeno Jonas no colo como de costume, depois o coloquei no chão, seus pezinhos levaram-no ao encontro das outras crianças. Ficamos sentadas em um banco da praça, observando-o brincar com os coleguinhas. Valentina cuida da higiene pessoal de seu bebê com muito zelo, mas permite que seu filho ande de pés descalços, corra, brinque na areia e se suje como qualquer outra criança, mesmo sem possuir conhecimentos pedagógicos, ela promove o brincar e a socialização de Jonas em ambientes saudáveis distintos aos espaços da rua, propiciando seu contato com outras crianças da sua idade que todas as tardes são levadas por seus familiares para brincar no parquinho.

Jonas não é discriminado pelos pais das crianças, todos dividem os mesmos espaços e brinquedos do parquinho, as mães que frequentam a praça, ajudam Jonas no brincar, conversam com o menino, dividem lanchinhos. Valentina deseja, como toda mãe, que seu filho frequente a escola e tenha direito a educação formal. Perguntei sobre o uso de drogas na presença de Jonas, se tinha ciência que isso pode interferir na educação de seu filho, se ela sentia vergonha ou remorso. Valentina, respondeu-me tranquilamente:

“Não! muito não. Porque ele é novim, num entende, entendeu? Mas é por isso que eu tô deixando de dá pancada, tô fumando já só um mesclado, um bagúi. Porque eu tô pensando Patrícia, ele tá crescendo. Meu filho já tá com um ano, daqui a pouco ele vai tá com 2, 3, 6 ou 10 anos de idade e vai saber o que é tudo. Eu quero ver meu filho vendo eu fazer isso? Não, porque os filhos se espelha nos pais. Hoje eu me espelho em quem? No meus pais. Nunca fui criada com meus pais por quê? Porque meus pais vivia pulando de galho em galho igual a macaco. Sempre a polícia atrás entendeu? Deus o livre, Deus o livre que eu desejo pro meu filho é... que eu peço muito a Deus é muitos anos de vida pro meu filho, que eu quero ver meus neto. Quero ver meu filho vivendo isso não, quero ver na escola” (Valentina).

Na medida em que Valentina toma consciência de si e do mundo, elabora-se as relações com a realidade, as ações transformadoras capazes de superar as situações limites, tornam-se prazerosas e menos desafiadoras. Mas, na rua, a cada momento surge uma nova situação-limite, implicando numa postura decisória frente ao mundo.

Desta maneira, Valentina é uma ensinante e aprendiz entre a população desvalida, só mais uma entre milhares de educadoras infames que atuam nos mais diversos cenários da rua. A partir do que consta nos relatos de Valentina, podemos perceber a ação e reflexão de uma educadora infame que ainda acredita na educação como forma libertadora, seria um paradoxo em meio às situações-limites?

Para Freire (1983) essas situações-limites geradoras de desesperança propiciam ao indivíduo percebê-las como um freio a eles, algo que não podem ultrapassar. Mas no momento em que passam a refletir a ação, desenvolve um clima de esperança e confiança levando os sujeitos a empenhar-se na superação das situações-limites.

2.3 Rato de cadeia

Valentina chegou com seu grupo para o almoço. Ela retirou de dentro das calças e colocou sobre a mesa de atividades uma garrafa de molho de pimenta industrializado. Começou a contar para os seus pares que teria roubado de uma lanchonete enquanto lanchava. Os parças⁶ perguntam por que ela não trouxe outras garrafas e ela responde: “só tinha uma pivete!”.

⁶ Parças: parceiro; comparsa

Valentina pediu para eu guardar a garrafa de molho até chegar o horário do almoço. Guardo o molho na cozinha e vou organizar a entrega das fichas do almoço na recepção, a fila já está formada na calçada. Servido o almoço, Valentina pediu o molho de pimenta de volta, entreguei a garrafa a ela que estava com seus parças em duas mesas. A garrafa foi passando por todos do seu grupo, até que chegou em outras mesas, motivo suficiente para o início da babilônia⁷. Valentina pediu o molho de volta, não havia roubado molho para dar para ladrão. A garrafa se encontrava na mão de Zé urubu⁸, e um dos parças de Valentina questionou:

Se faz de doido é mah⁹? Ela tá pedindo o molho e tu continua usando? Isso é vacilo, na cadeia a galera fá cortar tua mão, pega o molho dos outros e usa sem pedir, isso é rato de cadeia¹⁰. Depois uma porra dessa morre, num sabe porque é! Olha aí Patrícia, guarda o molho, se não vão acabá. (Leo¹¹)

Eu peguei o molho e guardei na cozinha, voltei e questionei: por que o molho não pode acabar? Por que todos não podem usar? Quando entregamos uma garrafa de molho do CC, vocês acabam em uma única refeição, esse cuidado não existe! Valentina respondeu rindo,

É porque é da casa. O molho da casa pode acabar, é pra nós mermu! Agora o nosso né? Só usa quem a gente quer, se quiser vão roubar também! Tu tá nessa é Patrícia? De todo mundo? A gente corta é a mão de quem usar sem pedir. (Valentina)

Não é preciso especular muito para que se perceba que Valentina compreende a dicotomia entre o individual e o coletivo, o público e o privado, e que para manter essa diferença é importante o uso do poder, e, o mais relevante, a ameaça de cortar a mão do Zé Urubu não seria apenas uma forma de punir, mas uma estratégia para reativar e manter o domínio que ela tem sobre os indivíduos. Onde e

⁷ babilônia: confusão.

⁸ zé urubu: pessoa em situação de rua; usuário do centro de convivência.

⁹ macho.

¹⁰ rato de cadeia: ladrão de sela.

¹¹ leo: pessoa em situação de rua e usuário do Centro de Convivência.

como ela adquiriu esse conhecimento? Teria sido através das práticas educativas informais? Na rua ou no cárcere?

É notório que as penas físicas fazem parte das estratégias dessa educadora infame, não devemos então nos enganar, Valentina reproduz tal qual aprendeu no cárcere ou na rua, já que um é a extensão do outro. A prática cotidiana da penalidade acontece em ambos os espaços, as punições mais leves são as mais frequentes, como por exemplo: tomar todos os pertences do outro, espiurar dos espaços¹², dar uns tapas, não sendo consideradas como irregular ou cruel.

Valentina apanhou das agentes penitenciárias por diversas vezes, da própria polícia nas ruas, a violência sempre foi utilizada para corrigir suas infrações, como não as reproduzir? Indubitavelmente para Foucault (2014, p.31), “temos antes que admitir que o poder produz saber [...] que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. No exercício do poder, disciplina sempre será aplicada por Valentina, uma educadora infame sobrevivendo entre o subterrâneo da rua e o cárcere.

2.3 As pequenas humilhações

É só mais uma manhã de tensão no CC, ainda nem havíamos iniciado o serviço de atendimento às pessoas em situação de rua. Valentina estava bruxa¹³ na calçada, ameaçava quebrar tudo se o lanche fosse leite com achocolatado, pois não aguentava mais o mesmo lanche todos os dias. Ela relatava que isso era muita humilhação, não poder tomar café só porque fazia uso de drogas. Também reclama de o equipamento possuir apenas um banheiro feminino e um masculino para atender toda a população em situação de rua, ter que esperar horas para fazer as necessidades básicas, bem como reclama dos sujeitos que roubavam as roupas estendidas no varal.

¹² Espirrar dos espaços: mandar embora.

¹³ Bruxa: noiada, sobre efeito de crack.

Entrei no equipamento, larguei a mochila e o lanche que trazia na mão em cima do birô da recepção, pedi permissão a outra educadora que trabalhava comigo para deixar somente Valentina entrar, seria uma tentativa de acalmá-la. Eu estava receosa que ela puxasse o cordão¹⁴, era certeza ela entrar na mente¹⁵ dos outros usuários. De início a educadora não aceitou, mas depois que justifiquei meus receios, ela autorizou a entrada de Valentina. Fui até o portão e chamei somente Valentina, ela veio pagando alto¹⁶. Entrei com ela no CC, peguei uma xícara de café na cozinha e uma tapioca na minha mochila, era o meu lanche.

Eu e Valentina nos sentamos nos bancos do salão, ofereci o café com tapioca, mas ela recusou dizendo que durante a bruxaria não comia nada por não sentir fome. Ainda estava muito agitada, falando rápido e alto. Eu apenas escutava, de repente ela baixou o tom da voz e começou a contar que não havia dormido, a madrugada tinha sido muito pesada, tinha fugido da polícia e dado altas pancadas depois de cometer um assalto e lesionado a vítima. Durante nossa conversa falei que não gostava de vê-la naquele estado de descontrole, me causava medo. Valentina disse-me que sabia do meu medo, e foi me dando explicações sobre a sua agressividade. Patrícia,

Na rua a gente fica bruta, o lance é brutal. Na cadeia né? É muito pior, a gente aprende a botá terror pras pessoa respeitá a gente, tá ligada? Tem que tocá o terror mermo, só respeita se for assim! (Valentina)

Em seguida me abraçou, tirou de dentro das calças uma faca e me entregou dizendo “se você conseguir a confiança duma vida loca¹⁷, tá segura!”. Todas as atitudes dela me impressionaram muito, eram inesperadas. A entrega da faca significava um sinal de confiança, que aos poucos eu fui construindo com ela. Nesse período, o Centro de Convivência guardava as facas dos usuários na recepção para permitir o acesso, devolvendo na saída. É sabido que as pessoas, em situação de rua, necessitam de facas para garantir sua sobrevivência. Mas com o decorrer do tempo, realizamos diversas reuniões para não mais aceitar usuários portando armas, a vida

¹⁴ Puxar o cordão: começar um conflito, confusão.

¹⁵ Entrar na mente: convencer, persuadir.

¹⁶ Pagando alto: intimidando.

¹⁷ Vida loca: delinquente.

dos profissionais corria perigo, eles teriam que se desfazer delas antes de serem revistados, caso os vigilantes encontrassem armas não seriam mais devolvidas.

Ainda estávamos conversando quando aos poucos os outros usuários foram entrando no CC, passaram pela recepção sem dar o nome e assinar, não permitiram serem revistados pelos vigilantes. Eles alegaram que a Valentina entrou sem assinar e sem ser revistada, as regras são iguais para todos. Pedi para que eles retornassem à recepção e informei que o café da manhã só seria entregue depois que eles assinassem a folha de controle, como de hábito. Alguns tentaram se opor, mas Valentina tomou a frente e me ajudou nas falas,

Ei mah, bora adiantá o lado da Patrícia aí né? Ei pivete tu se faz de doido é? tu num sabe que tem que assiná a parada aí, bora adiantá esse rango aí né? geral tá brocada. Hoje eu num quero falá muito não, pocaidéa, pocaidéa! (Valentina).

Conseguimos controlar Valentina e a *galera*, seguimos com as atividades diárias do Centro de Convivência. Lucas, companheiro de Valentina, cortava as unhas no meio do grupo enquanto conversavam sobre o assalto da noite anterior. Ouvei quando ele contou que Valentina havia derrubado a vítima no chão, era um senhor idoso e teria batido a cabeça no fio de pedra. Ela começou a perguntar por diversas vezes se Lucas achava que a vítima tinha morrido, ele respondeu que “uns e outros”¹⁸ foram ver o “coroa”¹⁹, estava com a cabeça sangrando muito, mas não morria não! E que havia sido socorrido por uma ambulância.

Aquela mulher valente, destemida, agora encontrava-se angustiada por ter lesionado uma pessoa, seria medo do castigo na prisão? Sua alma seria ou estaria ferida? Valentina já conhece o rito penal, sabe que os mecanismos de punição não irão apenas privá-la pura e simplesmente da liberdade, o castigo não será introduzido sobre suas infrações, mas sobre ela, sobre aquilo que ela é, possa ser ou será. “A Europa implantou seus novos modelos de sistemas de penalidade, e desde então os

¹⁸ Uns e outros: algumas pessoas.

¹⁹ Coroa: pessoa mais velha, idosa.

juízes, pouco a pouco [...] começaram a julgar coisas diferentes além dos crimes: a “alma” dos criminosos (FOUCAULT, 2014, p.23).

No entanto, Valentina oculta em sua “alma” a mulher que vimos ao longo deste trabalho, capaz de colaborar com minhas funções de educadora, uma mulher carregada de potencialidades sobrevivendo em meio à privação, uma mãe carinhosa e cuidadosa que leva seu filho para brincar no parquinho com as outras crianças, companheira fiel, protetora de seu grupo, uma mulher sensível a minha dor. Quando foi agredida na hora do trem, a justiça não estaria preocupada em descobrir os anseios de Valentina, mas promover castigos que atue sobre o corpo, o coração, o intelecto, a vontade e as disposições desta educadora infame que reproduz o mecanismo do cárcere em suas formas mais cruéis. Nesse sentido, o massacre do sistema penal sobre a vida da Valentina, ela reproduz nos demais, perpetuando um ciclo de dominação de cima para baixo e entre seus pares.

3. Resultados e Discussões

Garantir sua sobrevivência, este é o maior desafio enfrentado pelos marginalizados, os ditos infames, mendigos, noias, *homeless*²⁰, vagabundos e delinquentes que habitam nas ruas da cidade e nos cárceres. Para se alcançar tal feito, necessitam elaborar em meio às situações-limite, estratégias e práticas educativas ou até mesmo reproduzir o modelo do poder disciplinar adquirido ao longo de sua trajetória, entre as ruas e a cadeia (FREIRE, 2018).

Os resultados da pesquisa que ora realizei demonstram a relevância de se registrar e desvelar as produções de valores e saberes da pesquisada, merecendo destaque especialmente por ser uma mulher em situação de rua, que, mesmo atuando em meio a privação e a delinquência, possui o mesmo objetivo das demais mães das periferias, garantir a existência da sua família dentro do contexto de extrema pobreza e criminalidade (FREIRE, 2018).

²⁰ Termo da língua inglesa que designa a pessoa em situação de rua; sem casa, sem-teto.

Percebe-se os feitos de Valentina e suas práticas educativas desenvolvidas no cotidiano. Não me cabe julgar se estão corretas, mas me cabe reconhecê-las e registrá-las como estratégias de sobrevivência em meio às precariedades do mundo marginal. Talvez esta seja a primeira vez que uma educadora infame em situação de rua ganha destaque em um trabalho científico e que, seus atos, suas falas, sejam expostos sem romantismo (FREIRE, 2018).

18

Dessa forma, as estratégias de sobrevivência de Valentina, não apenas buscam saídas de emergência para a situação na qual se encontra, mas colabora para a multiplicação de valores e saberes dentro da cultura de rua. Superar os limites da extrema pobreza através do exercício dos poderes é uma árdua tarefa. Daí a importância de visibilizar as diversas estratégias no contexto da população de rua, que há tempos em seus atos desenvolvem o processo disciplinar, as espertezas, os saberes e potencialidades que contrariam os modelos da educação formal e da sociedade, daí o fato de obstinar-me em acompanhá-los pelas ruas e cárceres (FREIRE, 2018).

Referências

ALVES, F. L. **Noites de Cabaré**: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício. 2 ed. São Paulo: Arte e Ciência, 2012

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CEDRO, M. **Pesquisa social e fontes orais**: particularidades das entrevistas como procedimento metodológico qualitativo. Pelotas, Ano 1 n. 1, p. 125-135, 2003.

COSTA, A. P. M. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Revista virtual & contextos**. n. 4 ano IV, Porto Alegre, dez, 2007.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão; trad. de Raquel Ramallete. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRANGELLA, S. Prefácio. In: RUI, Taniele et al. (Orgs.). **Novas faces da vida nas ruas**. vol. I, São Carlos, SP: EdUFScar, pp. 9-14, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 15 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. L. **Valentina**: uma educadora infame forjada entre o cárcere e a rua. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

FREIRE, P. L.; VASCONCELOS, J. G. Estratégias de sobrevivência de uma educadora infame forjada entre o cárcere e a rua. In: FARIAS, Gilmar Alves de, et al. (Orgs). **Uma gota de conhecimento**. Campinas, São Paulo, SP: Pontes Editores, 2019.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LOBO, L. F. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MALINOWSKI, B. **A Vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia**: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand (Nova Guiné Britânica). Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

MONTEIRO, M. O. de A. **Pobreza extrema no espaço urbano**: o caso dos moradores de rua de Fortaleza, CE, Brasil. 121 f. Fortaleza, 2011.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. Revista Estudos Históricos, São Paulo, Edições Vértice, v.5, n.3, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 20 fev. 2021.

VIEGAS, I. O. M. **Morar na rua**: um estudo sobre sobrevivência e identidade de pessoas sem abrigo. Dissertação – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Porto, 2013.

VIEIRA, M. A. C.; ROSA, C. M. M. **População de rua**: quem é, como vive, como é vista. São Paulo: Hucitec, 1992.

ⁱPatrícia Lima Freire, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6238-1262>

Universidade Federal do Ceará

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. Bolsista Capes.

Contribuição de autoria: A autora idealizou o projeto e desenvolveu todo o estudo e sua escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5862260894801351>

E-mail: pazytfreire@gmail.com

ⁱⁱJosé Gerardo Vasconcelos, ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0559-2642>

Universidade Federal do Ceará

Professor Titular de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará.

Contribuição de autoria: O Autor orientou o projeto, todo o estudo e sua escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1590976796851445>

E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com

iii **Camila Saraiva de Matos**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6281-7679>

Universidade Federal do Ceará

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará.

Contribuição de autoria: A autora contribuiu com a análise de conteúdo e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4504567540028363>.

E-mail: camilasaraiva28@hotmail.com

iv **Josivan Alves Ribeiro**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3739-4766>

Universidade Federal do Ceará

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará.

Contribuição de autoria: O autor contribuiu com a análise de conteúdo e escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5683620826733719>

E-mail: josivan.alves@alu.ufc.br

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

FREIRE, Patrícia Lima; et al. Aprendizagens forjadas entre o cárcere e a rua. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.